

MARION ZIMMER BRADLEY

A CASA DA FLORESTA

Tradução

Marina Della Valle

Copyright © Marion Zimmer Bradley, 1993

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Forest House*

Preparação: Luiza Del Monaco

Revisão: Renata Lopes Del Nero e Carla Fortino

Diagramação: Márcia Matos

Capa: departamento de criação Editora Planeta do Brasil

Ilustração de capa: Marc Simonetti

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Bradley, Marion Zimmer

A casa da floresta / Marion Zimmer Bradley ; tradução Marina Della Valle. — São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.

416 p.

ISBN: 978-85-422-1457-4

Tradução de: The forest house

1. Ficção norte-americana 2. Magia - Ficção 3. Feiticeiras - Ficção 4.
Druidas e druidismo - Ficção I. Título II. Della Valle, Marina III. Série

18-1696

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21ª andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

minotauro

Para minha mãe, Evelyn Conklin-Zimmer, que apoiou meu trabalho neste livro durante a maior parte da minha vida adulta.

Para Diana Paxton, minha irmã e amiga, que ancorou com firmeza este livro no tempo e no espaço e adicionou Tacitus ao elenco de personagens.

minotauro

nota da autora

Quem tem familiaridade com a ópera *Norma*, de Bellini, vai reconhecer as origens desta história. Em homenagem a Bellini, os hinos nos capítulos cinco e vinte e dois são adaptados do libreto do ato I, cena i, e os do capítulo trinta, do ato II, cena ii. Os hinos à lua nos capítulos dezessete e vinte e quatro são tirados de *Carmina Gadelica*, uma coleção de preces tradicionais da região das Terras Altas escocesas reunidas no final do século XIX pelo reverendo Alexander Carmichael.

minotauro

minotauro

peessoas na história

* = *figura histórica*

() = *morto antes do início da história*

Romanos

Gaius Macellius Severus Siluricus (chamado de Gaius, nome nativo Gawen), jovem oficial, nascido de uma mãe britânica

Gaius Macellius Severus sênior (chamado de Macellius), pai de Gaius, *praefectus castrorum* da Segunda Legião Adiutrix em Deva, ordem equestre (Moruadh, mulher da realeza dos siluros, mãe de Gaius)

Manlius, médico em Deva

Capellus, oficial de dia de Macellius

Philo, escravo grego de Gaius

Valerius, secretário de Macellius

Valeria (mais tarde chamada de Senara), metade britânica, sobrinha de Valerius

Martius Julius Licinius, procurator (oficial de finanças) da Britânia

Julia Licinia, sua filha

Charis, sua serva grega

Lydia, babá de suas filhas

Licinius Corax, primo do procurator em Roma

Marcellus Clodius Malleus, senador, patrono de Gaius

Lucius Domitius Brutus, comandante da Vigésima Legião Valeria Victrix após a mudança para Deva

Padre Petros, eremita cristão

Flavius Macro e Longus, dois legionários que tentam invadir a Casa da Floresta

* (Caio Júlio César, “o Júlio Deificado”, que começou a conquista da Britânia)

* (Suetonius Paulinus, governador da Bretanha durante a rebelião de Boudicca)

* (Vespasiano, imperador, 69-79 d.C.)

* (Quintus Petilius Cerealis, governador da Bretanha, 71-74 d.C.)

* (Sextus Julius Frontinus, governador da Bretanha, 74-77d.C.)

* Gnaeus Julius Agricola, governador da Bretanha, 78-84 d.C.

- * Gaius Cornelius Tacitus, seu genro e assistente, um historiador
- Sallustius Lucullus, governador da Bretanha após Agricola
- * Tito Flávio Vespasiano, imperador Tito, 79-81 d.C.
- * Tito Flávio Domiciano, imperador Domiciano, 81-96 d.C.
- * Herennius Senecio, um senador
- * Flavius Clemens, primo de Domiciano

Bretões

Bendeigid, um druida que vive perto de Vernemeton
 Rheis, filha de Ardanos e mulher de Bendeigid
 Mairi, a filha mais velha deles, mulher de Rhodri
 Vran, seu jovem filho
 Eilan, a filha do meio
 Senara, a filha mais jovem
 Gawen, filho de Eilan com Gaius
 Cynric, filho adotivo de Bendeigid
 Ardanos, arquidruida da Britânia
 Dieda, sua jovem filha
 Clotinus Albus (Caradac), um bretão romanizado
 Gwenna, sua filha
 Red Rian, um saqueador irlandês
 Hadron, um dos Corvos, pai de Valeria (depois chamada de Senara)
 * (Boudicca, “A Rainha Assassina”, rainha dos icenos, líder da revolta em 61 d.C.)
 * (Caractacus, um líder da rebelião)
 * (Cartimandua, rainha dos brigantes, que traiu Caractacus para Roma)
 * Calgacus, chefe caledônio, que liderou as tribos em Mons Graupius

Pessoas da Casa da Floresta

Lhiannon, sacerdotisa do Oráculo, grã-sacerdotisa de Vernemeton (a Casa da Floresta)
 Huw, seu guarda-costas
 (Helve, grã-sacerdotisa antes de Lhiannon)
 Caillean, sacerdotisa veterana que auxilia Lhiannon
 Latis, a mestre de ervas
 Celimon, instrutora em ritual
 Eilidh e Miellyn, amigas de Eilan
 Ranais e Rhian, entraram em Vernemeton depois que Eilan se tornou grã-sacerdotisa
 Annis, uma velha surda que serviu Eilan durante a gravidez
 Lia, babá do filho de Eilan, Gawen

Deuses

Tanarus, deus britânico do trovão, equiparado a Júpiter
O Deus Cornífero, deus arquetípico dos animais e das florestas, com muitas variações locais
Don, mãe mítica dos deuses, e, por extensão, do povo britânico
Cathubodva, Senhora dos Corvos, deusa de guerra similar a Morrigan
Arianhod, Senhora da Roda de Prata, deusa donzela associada à mágica, ao mar e à lua
Ceres, deusa romana dos grãos, da agricultura
Vênus, deusa romana do amor
Marte, deus romano da guerra
Bona Dea, a Boa Deusa
Vesta, deusa do fogo sagrado de Roma, servida por virgens
Mitra, deus-herói persa adorado por soldados
Júpiter, rei dos deuses
Juno, rainha dos deuses, sua mulher e patrona do casamento
Ísis, deusa egípcia adorada em Roma como protetora do comércio marítimo

Lugares

Britânia Superior – sul da Inglaterra
Mona – a ilha de Anglesey
Segontium – forte perto de Carnarvon
Vernemeton (bosque mais sagrado) – A Casa da Floresta
Colina das Donzelas – Maiden Castle, Bickerton
Deva – Chester
Glevum – Gloucester
Viroconium Cornoviarum – Wroxeter
Venta Silurum – Caerwent
Isca Silurum – Caerleon
Aquae Sulis – Bath
O Tor – Glastonbury
País do Verão – Somerset
Isca Dumnoniorum – Exeter
Londinium – Londres

Britânia Inferior – norte da Inglaterra
Eburacum – York
Luguvalium – Carlisle

Caledônia – Escócia

Estuário de Bodotria – Firth of Forth
Estuário do Tava – rio Tay
Estuário Sabina – Solway
Trimontium – Newstead
Pinnata Castra – Inchtuthil
Mons Grapius – localização incerta, talvez perto de Inverness

Hibérnia – Irlanda

Temair – Tara
Druim Cliadh – Kildare

Germânia Inferior – parte superior do oeste da Alemanha
Colonia Agrippensis – Colônia
Rhenus – Reno

minotauro



prólogo

Um vento frio açoitava as tochas, fazendo com que elas se tornassem caudas ferozes. Uma luz raivosa refletia brilhante nas águas escuras do estreito e nos escudos dos legionários que aguardavam do outro lado. A sacerdotisa tossiu com o odor da fumaça e com a neblina marítima e ouviu o som do latim militar ecoando através das águas enquanto o comandante romano arengava seus homens. Os druidas cantaram em resposta, convocando a ira dos céus, e trovões sacudiram o ar.

As vozes das mulheres emergiram em um ulular agudo que fez um calafrio percorrer seu corpo, talvez por conta do medo. Ela balançou com as outras sacerdotisas, com braços erguidos em imprecações e seus mantos escuros se abrindo como asas de corvos.

Mas os romanos também uivavam, e agora a primeira fileira de homens havia disparado para dentro da água. A harpa de guerra druida pulsava dando vida a uma música medonha, e a garganta dela estava em carne viva com os gritos, mas ainda assim o inimigo veio.

O primeiro soldado de manto vermelho colocou os pés na costa da Ilha Sagrada e não foi golpeado pelos deuses. Agora o canto fraquejava. Um sacerdote empurrou as sacerdotisas para trás de si quando o aço romano acertou a tocha; a espada baixou e o sangue borrifou seu manto escuro.

O ritmo do canto se perdeu, e agora havia apenas gritos. Ela, então, correu para as árvores. Atrás dela, romanos ceifavam os druidas como grãos. Rápido demais, acabaram, e a maré vermelha avançou para o interior.

As sacerdotisas tropeçavam por entre as árvores, procurando os círculos sagrados. Um brilho alaranjado tomava o céu acima da Casa das Mulheres. As pedras se assomavam à frente, mas de trás dela vinham gritos. Ela se virou acuada, agarrando-se ao altar central de pedra. Agora certamente a matariam... Ela invocou a Deusa e se endireitou, esperando pelo golpe.

Mas não eram armas de aço que tinham a intenção de usar para golpeá-la. Ela lutou enquanto mãos duras agarravam seu corpo, rasgando suas vestes. Não havia escapatória; podia apenas usar a disciplina sagrada para tirar a mente do corpo até que eles terminassem. Enquanto a consciência voava para longe, ela gritou: “Senhora dos Corvos, vingue-me! Vingue!”.

“Vingue”... Eu acordei com meu próprio grito e me sentei, olhando em torno. Como sempre, levei alguns momentos até perceber que era apenas um sonho, e nem mesmo um sonho meu, pois ainda era criança no ano em que as legiões assassinaram os sacerdotes e estupraram as mulheres da Ilha Sagrada. Uma garota indesejada chamada Caillean, segura em Hibernia, do outro lado do mar. Mas, desde que ouvi a história pela primeira vez, logo depois que a sacerdotisa do Oráculo me trouxe para esta terra, sou assombrada pelos espíritos daquelas mulheres.

A cortina de minha porta se agitou e uma das moças que me serviam espiou para dentro.

— Está tudo bem, minha senhora? Posso ajudá-la a vestir o manto? Já está quase na hora de saudar a aurora.

Assenti, sentindo o suor frio secar em minha testa, e permiti que ela me ajudasse a colocar um vestido limpo e também os ornamentos de uma grã-sacerdotisa no pescoço e na cabeça. Depois disso, ela me acompanhou até o topo de outra ilha, um Tor verde que se erguia da mistura de pântano e gramados que os homens chamavam de País do Verão. De baixo vinha o canto das donzelas que velavam o poço sagrado; e do vale do lado oposto os sinos chamavam os eremitas para a prece na pequena igreja de pedra que ficava ao lado do espinho-branco.

Eles não foram os primeiros a buscar santuário nesta ilha atrás dos mares estreitos, nem, imagino, serão os últimos. Muitos anos se passaram desde a morte da Ilha Sagrada, e, embora vozes ancestrais ainda clamem por vingança em meus sonhos, uma sabedoria adquirida com dificuldade me diz que a mistura de sangues reforça uma raça, desde que não se perca o conhecimento ancestral.

Mas até hoje nunca vi nada de bom nos romanos e em seus costumes. É por isso que nem mesmo por Eilan, que amei mais que uma filha, jamais consegui confiar em nenhum romano, nem mesmo em Gaius, a quem ela tanto amava.

Mas aqui não há som de sandálias com sola de ferro dos legionários sobre as estradas de pedra para nos perturbar, pois lancei um véu de brumas e mistério para manter longe o impecável mundo romano.

Hoje talvez contarei às moças a história de como chegamos até aqui, pois, entre a destruição da Casa das Mulheres na Ilha de Mona e a volta das sacerdotisas à Ilha das Maças, as mulheres dos druidas viveram em Vernemeton, na Casa da Floresta, e essa história não deve ser esquecida.

Eu estava lá quando aprendi os Mistérios da Deusa e, então, ensinei-os a Eilan, filha de Rheis, que se tornou grã-sacerdotisa e – segundo alguns – a maior traidora de seu povo. No entanto, foi através de Eilan que o sangue do Dragão e da Águia se misturaram ao sangue dos

Sábios, e, na hora de maior necessidade, aquela linhagem sempre virá auxiliar a Bretanha.

No mercado, os homens estão dizendo que Eilan foi vítima dos romanos, mas eu sei a verdade. Em seu tempo, a Casa da Floresta preservava os Mistérios, e os deuses não exigiam que fôssemos todos conquistadores, nem mesmo que fôssemos todos sábios, mas apenas que servíssemos a verdade que nos era dada, até que pudéssemos passá-la adiante.

Minhas sacerdotisas estão se reunindo em torno de mim, cantando. Levanto as mãos, e, enquanto o sol atravessa as brumas, abençoo a terra.

minotauro

Raios de luz dourada brilhavam através das árvores enquanto o sol se punha atrás das nuvens, delineando cada folha recém-banhada em ouro. Os cabelos das duas garotas que desciam pelo caminho da floresta brilhavam com o mesmo fogo pálido. Mais cedo, havia chovido. A floresta densa, sem clareiras, que ainda cobria boa parte do sul da Bretanha, estava quieta e molhada, e de uns poucos galhos mais baixos ainda caíam gotas esparsas, como uma bênção ao longo do caminho.

Eilan respirou fundo o ar úmido, pesado por conta de todos os odores vivos da floresta e doce como incenso após o ambiente enfumaçado do salão de seu pai. Na Casa da Floresta, disseram-lhe, usavam ervas sagradas para purificar o ar. Ela endireitou a postura instintivamente, tentando caminhar como uma das sacerdotisas que moravam lá, levantando o cesto de oferendas em sua melhor imitação da graça equilibrada daquelas mulheres. Por um momento, então, seu corpo se moveu com um ritmo ao mesmo tempo pouco familiar e totalmente natural, como se, em algum passado ancestral, ela tivesse sido treinada a manter tal postura.

Só havia recebido permissão para trazer as oferendas à fonte após o início de seu ciclo lunar de sangue. Sua mãe lhe disse que, assim como o ciclo mensal a transformava em mulher, as águas da fonte sagrada indicavam a fertilidade da terra. Mas os rituais da Casa da Floresta serviam a seu espírito, trazendo a própria Deusa no ponto mais cheio da lua. A lua estava cheia na noite anterior e, antes que a mãe a chamasse para dentro, Eilan havia passado um bom tempo contemplando-a, plena de uma expectativa que não conseguia definir muito bem.

Talvez a sacerdotisa do Oráculo me solicite para a Deusa no festival de Beltane. Fechando os olhos, Eilan tentou imaginar as vestes azuis das sacerdotisas arrastando-se atrás dela e o véu obscurecendo seus traços com mistério.

— Eilan, o que está fazendo? — a voz de Dieda a trouxe de volta à consciência, e o susto fez com que ela tropeçasse em uma raiz e quase derubasse o cesto. — Está ficando para trás feito vaca manca! Vai escurecer antes de voltarmos ao salão se não terminarmos logo com isso.

Recuperando-se, Eilan correu atrás da outra garota, sem conseguir conter o rubor em seu rosto. Mas dali onde estavam, ela já conseguia ouvir o

murmúrio gentil da fonte. Em um instante o caminho se enveredou por uma descida e ela continuou seguindo Dieda até a fenda que se abria entre duas rochas para que as águas corressem e caíssem no lago. Em algum momento do passado homens haviam colocado rochas em torno dele, mas, ao longo dos anos, a água foi desgastando gentilmente seus entalhes espiralados. Porém, a avelaíra na qual as pessoas amarravam fitas de desejos era nova, descendente de muitas árvores que cresceram ali.

Colocaram-se diante do lago e estenderam uma toalha para as oferendas, bolos ricamente preparados, um odre de hidromel e algumas moedas de prata. Era apenas um laguinho, por fim, onde vivia a deusa menor daquela floresta, não um dos lagos sagrados nos quais exércitos inteiros sacrificavam os tesouros que haviam conquistado. No entanto, por muitos anos as mulheres de sua linhagem traziam oferendas todos os meses depois de seus ciclos, para que seus laços com a Deusa fossem renovados.

Tremendo um pouco com o ar frio, tiraram os vestidos e se curvaram diante do lago.

— Fonte sagrada, és o útero da Deusa. Assim como suas águas são o berço de toda a vida, espero que eu possa trazer vida nova ao mundo... — Eilan pegou um pouco da água e a derramou sobre a barriga e entre as coxas.

— Fonte sagrada, tuas águas são o leite da Deusa. Assim como alimentas o mundo, permita-me nutrir aqueles que amo... — Seus mamilos se arrepiaram quando a água fria os tocou.

— Fonte sagrada, és o espírito da Deusa. Assim como tuas águas brotam para sempre das profundezas, dá-me o poder de renovar o mundo... — Ela estremeceu quando a água banhou sua testa.

Eilan fitou a superfície sombreada do lago, observando o brilho pálido de seu reflexo tomar forma enquanto as águas se acalmavam novamente. Mas, ao mirar a água, notou que o rosto que olhava de volta havia mudado. Ela viu uma mulher mais velha, com a pele ainda mais pálida, e cachos pardos com reflexos vermelhos que brilhavam como faíscas de fogo. Os olhos, entretanto, eram os mesmos.

— Eilan!

Enquanto Dieda falava, Eilan piscava, e o rosto olhando de volta para ela da água voltou a ser o seu. Sua parente tremia, e de súbito Eilan também sentiu frio. Rapidamente, colocaram de volta suas roupas. Dieda, então, pegou o cesto de bolos e postou sua voz rica e verdadeira na canção:

*Senhora da fonte sagrada,
A ti essas oferendas trago;
Pela vida e pela sorte eu rezo,
Deusa, aceita hoje estes presentes.*

Na Casa da Floresta, pensou Eilan, haveria um coro de sacerdotisas para entoar a canção. Sua própria voz, fina e um pouco vacilante, se misturava à de Dieda em uma harmonia estranhamente agradável.

*Abençoa o campo e as matas,
Para que nos tragam a fartura;
Família e crias estejam salvas,
Guarda o corpo e a alma!*

Eilan despejou o hidromel de dentro do odre na água, enquanto Dieda esfarelava os bolos e também os jogava no lago. A corrente os levou, e, por um momento, Eilan teve a impressão de que o som a seu redor havia ficado mais alto. As duas garotas se curvaram sobre a água, deixando cair as moedas de prata que haviam trazido.

Enquanto as águas se acalmavam, Eilan viu o rosto das duas, tão parecidos, espelhados um ao lado do outro. Ela enrijeceu, temendo ver novamente aquela estranha, mas dessa vez havia apenas um rosto, com olhos que brilhavam na água como estrelas no mar escuro do céu.

Senhora, és o espírito do lago? O que queres de mim?, perguntou seu coração. E teve a impressão de ouvir as seguintes palavras em resposta:

— “Minha vida flui através de todas as águas, como flui em suas veias. Sou o Rio do Tempo e o Mar do Espaço. Você foi minha ao longo de muitas vidas. Adsartha, minha filha, quando vai cumprir seus votos comigo?”

E, então, teve a impressão de que dos olhos da Senhora vinha uma luz que iluminava sua alma, ou talvez fosse a luz do sol, pois quando voltou a si piscava diante dos raios que atravessavam por entre as árvores.

— Eilan! — Dieda disse no tom de alguém repetindo o chamado pela segunda vez. — O que há de errado com você hoje?

— Dieda! — exclamou Eilan. — Você não viu? Não viu a Senhora no lago?

Dieda balançou a cabeça.

— Você parece uma daquelas cadelas sagradas de Vernemeton, falando de visões!

— Como pode dizer isso? Você é a filha do arquidruída. Na Casa da Floresta, poderia ser treinada como um bardo!

Dieda franziu a testa.

— Bardo mulher? Ardanos jamais permitiria isso. E nem eu gostaria de passar minha vida presa com um bando de mulheres. Prefiro me juntar aos Corvos com seu irmão adotivo Cynric e lutar contra Roma!

— Shhh! — Eilan olhou em volta como se as árvores tivessem ouvidos. — Não sabe que não deve falar disso? Nem mesmo aqui no meio da

floresta. Além do mais, não é lutar ao lado que deseja, mas sim deitar-se com Cynric. Eu bem vi como olha para ele!

Ela sorriu.

Agora Dieda corava.

— Você não sabe de nada! — exclamou. — Mas sua vez há de chegar, e quando você ficar feito uma tonta por causa de algum homem, vai ser minha vez de rir.

Ela começou a dobrar a toalha.

— Nunca vai acontecer — disse Eilan. — Quero servir à Deusa!

E, por um momento, sua vista ficou escura, e o murmúrio da água pareceu ficar ainda mais alto, como se a Senhora tivesse escutado o que acabara de dizer. Dieda, então, enfiou o cesto em suas mãos.

— Vamos voltar para casa.

Ela começou a andar pelo caminho, mas Eilan hesitou, pois teve a impressão de ouvir algo que não era o som da fonte.

— Espere! Está ouvindo? Vem da velha armadilha para javalis...

Dieda parou, virando a cabeça, e então ouviram de novo, dessa vez mais fraco, como um animal machucado.

— É melhor ir lá ver — ela disse, por fim —, embora isso vá nos atrasar. Mas, se algo estiver caído ali, os homens precisarão vir e acabar com seu sofrimento.

minotauro

O rapaz jazia atônito e sangrando no fundo do fosso para javalis, enquanto suas esperanças de ser resgatado esmaeciam com a luz.

A fossa em que se encontrava estava úmida e imunda, com cheiro do esterco dos animais que antes estiveram ali presos. Havia estacas afiadas no fundo e nos lados da fossa e uma delas tinha rasgado seu ombro. Não era uma ferida perigosa, avaliava, nem particularmente dolorosa, pois o braço ainda estava dormente por conta da força de sua queda. Ainda assim, leve como era, acabaria por matá-lo.

Não que tivesse medo da morte; Gaius Macellius Severus Siluricus tinha dezenove anos e tinha feito seu juramento ao imperador Tito como oficial romano. Lutara sua primeira batalha antes que o buço no rosto engrossasse. Mas morrer pelo fato de ter caído em uma armadilha feito uma lebre estúpida o deixava irritado. Era sua culpa, pensou Gaius, com amargura. Se tivesse dado ouvidos a Clotinus Albus, agora estaria diante de um fogo quente, bebendo a cerveja do sul e flertando com a filha do anfitrião, Gwenna, que havia deixado de lado o costume casto dos bretões do interior e adotado as maneiras mais ousadas das moças das cidades romanas, como Londinium, com a mesma facilidade que seu pai adotara a língua latina e a toga.

E, no entanto, fora por causa de seu conhecimento dos dialetos britânicos que acabou por ser enviado para essa jornada, lembrou-se Gaius, e sua boca se retorceu soturnamente. O velho Severus, seu pai, era prefeito do acampamento da Segunda Legião Adiutrix, em Deva, e se casara com a filha morena de um chefe dos siluros nos primeiros dias da conquista, quando Roma ainda esperava angariar as tribos por alianças. Gaius aprendera a falar esses dialetos antes mesmo que pudesse balbuciar uma palavra de latim.

Houve um tempo, é claro, em que um oficial da Legião Imperial, posicionado no forte de Deva, não teria se dado ao trabalho de colocar suas demandas na língua de um país conquistado. Mesmo hoje, Flavius Rufus, orador da segunda corte, não se importava com tais gentilezas. Mas Macellius Severus sênior, *praefectus castrorum*, se reportava apenas a Agricola, governador da Província da Bretanha, e era sua responsabilidade manter a paz e a harmonia entre os povos da província e a legião que a ocupava, guardava e governava.

Ainda lambendo as feridas, uma geração após a rainha assassina Boudicca tentar sua rebelião infrutífera – e ser punida ferozmente pelas legiões –, o povo da Britânia era pacífico o suficiente em relação aos impostos e tributos pesados. O recrutamento de trabalho humano era recebido com menos mansidão, e ali, nas franjas do império, o ressentimento ainda fumegava, fomentado por alguns chefes mesquinhos e descontentes. E, para esse caldeirão de problemas, Flavius Rufus tinha enviado um grupo de legionários para supervisionar os homens recrutados para trabalhar nas minas imperiais de chumbo na colina.

A política imperial não permitia que um jovem oficial fosse colocado na mesma legião em que seu pai tivesse um cargo importante como prefeito. Sendo assim, Gaius agora tinha o posto de tribuno militar na Legião Valeria Victrix, em Glevum, e, apesar de seu sangue meio britânico, desde a infância recebera a disciplina severa do filho de um soldado romano.

O velho Macellius ainda não tinha pedido favores a seu único filho, mas Gaius ferira de leve a perna durante uma escaramuça na fronteira e, antes que se recuperasse totalmente, uma febre o mandou de volta para sua casa em Deva, com permissão para convalescer antes de voltar a seu posto. Uma vez recuperado, estava inquieto na casa do pai, e a chance de ir com os homens até as minas lhe soara agradável.

A viagem tinha ocorrido sem percalços. Depois que os homens sombrios haviam partido marchando, Gaius, com mais duas semanas de licença, aceitara o convite de Clotinus Albus, auxiliado pelos olhares imodestos de sua filha, para ficar ali por uns dias e caçar um pouco. Clotinus era adepto da caça e – Gaius estava ciente – ficara feliz com a ideia de oferecer

hospitalidade ao filho de um oficial romano. Gaius acabou por dar de ombros para essa questão, desfrutou da caça, que era excelente, e disse à filha de Clotinus uma série de mentiras agradáveis, o que também foi excelente. No dia anterior, havia matado um cervo naquela mesma mata, provando-se tão hábil com a lança leve como esses bretões com suas próprias armas. Mas agora...

Espalhado na sujeira do fosso, Gaius despejava pragas desesperadas sobre o escravo medroso que se oferecera a mostrar a ele um atalho da casa de Clotinus à estrada romana que, segundo o escravo, ia diretamente a Deva. Praguejava também sobre sua própria tolice em permitir que aquele simplório conduzisse a carruagem, sobre a lebre ou o que tivesse corrido na frente dele e assustado os cavalos, sobre os animais mal treinados, sobre o tolo que havia deixado que eles disparassem e sobre o momento de distração em que ele perdeu o equilíbrio e fora lançado, aturdido, ao chão.

Aturdido, sim, mas, se não estivesse um pouco fora de si por causa da queda, teria sido sensato o suficiente para ficar exatamente onde havia caído; até um tolo como o condutor acabaria, cedo ou tarde, recuperando o controle dos cavalos e voltando para buscá-lo. Ainda mais que isso, ele amaldiçoava sua própria imbecilidade por ter deixado a estrada e tentado encontrar o caminho através da floresta. Devia ter vagado, sem destino certo, por uma longa distância.

Deveria ainda estar zozno da queda anterior, mas se lembrava com uma clareza vertiginosa do escorregão súbito, do deslizar das folhas e galhos quando a armadilha cedeu e do momento da queda, quando a estaca atravessou seu ombro com uma força que o fez perder a consciência por uns minutos. A tarde seguia antes que ele se recuperasse o suficiente para dar conta de seus ferimentos. Uma segunda estaca havia estourado sua panturrilha, rasgando uma velha ferida. Não era um ferimento sério, mas havia batido o tornozelo tão forte que ele inchara até ficar do tamanho da coxa; ao que parecia, estava quebrado. Gaius, sem ferimentos, era ágil como um gato e teria saído daquele fosso em instantes, mas agora estava muito fraco e zozno para se mover.

Sabia que, se não sangrasse até a morte antes do anoitecer, o cheiro de sangue atrairia os animais selvagens que finalmente lhe dariam um fim. Tentou afastar as memórias de contos de fadas sobre as piores coisas que o cheiro poderia atrair.

O frio úmido tomava todo o seu corpo; havia gritado até ficar rouco. Agora, se tivesse que morrer, o faria com a dignidade romana. Ele dobrou o manto ensopado de sangue em torno do rosto e, com o coração batendo forte, aprumou o corpo para cima; tinha ouvido vozes.

Gaius colocou toda a força que ainda tinha em um grito, que soou meio berro, meio uivo. Instantes depois, ficou envergonhado do som

animalesco que havia saído de sua garganta e se esforçou para emitir um apelo mais humano, mas não saía nada. Ele agarrou uma das estacas, mas só foi capaz de se colocar de joelhos e se recostar na parede imunda.

Por um segundo, uma luz derradeira o cegou. Ele piscou e então viu a cabeça de uma moça emoldurada pelos raios de sol.

— Grande Mãe! — gritou ela, com voz clara. — Como, em nome de qualquer deus, você conseguiu cair aí? Não viu as marcas de aviso que colocaram nas árvores?

Gaius não conseguia dizer palavra. A jovem se dirigira a ele em um dialeto excepcionalmente puro que não lhe era familiar. Certamente, naquela região, ela deveria ser da tribo dos ordovicos. Ele teve de se concentrar por um instante para conseguir pensar no dialeto siluro de sua mãe.

Antes que pudesse responder, uma segunda voz feminina, mais rica e de algum modo mais forte, exclamou:

— Que tonto! Deveríamos deixá-lo aqui como isca de lobo!

Outro rosto apareceu ao lado do primeiro e, por um momento, ele se perguntou se sua visão estava lhe pregando peças.

— Aqui, pegue minha mão. Acho que nós duas juntas conseguimos tirá-lo daí — ela disse. — Eilan, me ajude!

A mão branca e esguia de uma mulher desceu até ele. Gaius levantou sua mão, mas não conseguia fechá-la.

— Qual o problema? Está ferido? — a garota perguntou de um modo mais gentil.

Antes que Gaius pudesse responder, a outra — não conseguia ver nada além do fato de que era jovem — curvou-se para ver por si mesma.

— Ah, agora vejo. Dieda, ele está sangrando! Corra e traga Cynric para tirá-lo daqui.

Gaius foi tomado por um alívio tão forte que quase perdeu a consciência e então caiu para trás, gemendo, quando, com o movimento, raspolou seus ferimentos.

— Você não pode desmaiar. — A voz clara veio de cima dele. — Que minhas palavras sejam uma corda para amarrá-lo à vida, ouviu?

— Ouvi — ele sussurrou. — Continue falando comigo.

Talvez pelo fato de o resgate estar a caminho, ele instintivamente se permitiu sentir, e então os ferimentos começaram a doer para valer. Gaius conseguia ouvir a voz da garota acima dele, embora as palavras já não fizessem mais sentido. Elas o atravessavam como o murmúrio de um riacho, levando sua mente para além da dor, e então o mundo escureceu. Gaius só percebeu que era a luz do dia, e não sua visão, que havia sumido quando viu a chama de uma tocha por entre as árvores.

O rosto da garota desapareceu e ele voltou a ouvi-la:

— Pai, há um homem preso na velha armadilha para javalis.

— Vamos tirá-lo dali — respondeu uma voz mais grossa.

Gaius, então, percebeu que havia um movimento acima dele.

— Isso parece trabalho para quem pode se esticar. Cynric, é melhor você descer e dar uma olhada — concluiu a voz masculina.

No momento seguinte, um jovem desceu para dentro da fossa. Ele examinou Gaius e perguntou com simpatia:

— Ei, no que estava pensando? Precisa ser realmente esperto para cair numa armadilha que está aqui há trinta anos!

Reunindo os fragmentos de seu orgulho, Gaius queria dizer que se o camarada o tirasse dali seria recompensado adequadamente, mas logo ficou feliz por não conseguir dizer nada. Enquanto seus olhos se ajustavam gradualmente à luz da tocha, o jovem romano percebeu que quem o resgatava tinha por volta de sua idade, não muito mais do que dezoito anos, apesar de ser um gigante. Os cabelos claros desciam em cachos soltos por sobre os ombros, e o rosto, ainda sem barba, parecia feliz e calmo, como se resgatar estrangeiros quase mortos fosse parte de suas tarefas do dia. Usava uma túnica de pano xadrez e couro finamente curtido; seu manto de lã bordada estava preso com um alfinete de ouro em formato de um corvo, esmaltado em vermelho. Eram roupas de um homem de uma casa real, mas não daqueles que davam as boas-vindas a seus conquistadores e imitavam os costumes de Roma.

Na língua das tribos, Gaius disse apenas:

— Sou um estranho aqui. Não vi as marcas.

— Bem, não se preocupe. Nós vamos tirá-lo daqui e então você pode explicar como foi que caiu.

O jovem passou o braço pela cintura de Gaius, segurando o rapaz romano com a facilidade de quem lida com uma pequena criança.

— Cavamos essa fossa para javalis, ursos e romanos — ele observou tranquilamente. — Foi azar seu ter caído.

Ele, então, olhou para o topo do fosso e disse:

— Lance-nos seu manto, Dieda, será mais fácil do que achar algo aqui para levá-lo. O manto dele está duro de sangue.

Quando o manto da garota já estava lá embaixo, Cynric o amarrou em torno da cintura de Gaius e depois prendeu a outra ponta na própria cintura. Colocou, então, um pé na estaca mais baixa e disse:

— Grite se sentir dor. Eu já tirei ursos daqui dessa forma, mas eles estavam mortos e não tinham como reclamar.

Gaius apertou os dentes e aguentou, quase desmaiando de dor quando seu tornozelo inchado acertou uma raiz protuberante. Alguém no topo se curvou para pegar suas mãos. Quando ele finalmente se viu fora

da armadilha, deitou-se no chão e ficou apenas respirando por um momento, antes de ter forças para abrir os olhos.

Um homem mais velho estava curvado sobre ele. Gentilmente, afastou o manto sujo e cheio de sangue de Gaius e assoviou.

— Algum deus deve amá-lo, estranho. Uns poucos centímetros abaixo e a estaca teria atingido seus pulmões. Cynric, meninas, olhem isso — ele continuou. — Onde o ombro ainda sangra, o sangue está escuro e lento, então quer dizer que está voltando para o coração. Se estivesse vindo dele, seria vermelho vivo e estaria jorrando, e o rapaz provavelmente teria sangrado até a morte antes que fosse achado.

O jovem louro e as duas moças se curvaram para ver. Gaius ficou em silêncio. Uma suspeita terrível tinha começado a invadi-lo. Já havia desistido de se identificar e pedir para que o levassem até a casa de Clotinus Albus em troca de uma boa recompensa. Agora, sabia que só estava a salvo por conta da velha túnica britânica que havia colocado naquela manhã para viajar. A sabedoria médica casual daquele discurso lhe disse que estava na presença de um druida. Então, quando alguém o levantou, o mundo todo escureceu e sumiu.

Gaius acordou com a luz do fogo e o rosto de uma moça olhando para ele. Por um instante, os traços dela pareciam flutuar em um halo de fogo. Ela era jovem e seu rosto, belo. Mas os olhos tinham um tom estranho entre castanho e cinza, bem espaçados e sob cílios pálidos. A boca formava covinhas, mas era tão séria que parecia mais velha que o resto de seu próprio rosto. O cabelo era claro como os cílios, quase sem cor, exceto nos pontos em que a luz do fogo jogava um tom avermelhado sobre os fios. Uma das mãos se movia sobre o rosto de Gaius, e ele sentiu seu frescor; ela banhava-o com água.

Ele a olhou pelo que pareceu um longo período, até que os traços dela estivessem desenhados para sempre em sua memória. Então, alguém disse:

— Chega, Eilan, acho que ele acordou. — E a garota, então, se afastou.

Eilan... Ele já tinha ouvido o nome antes. Será que havia sido em algum sonho? Ela era adorável.

Gaius se esforçou para enxergar e percebeu que estava deitado em uma cama contra a parede. Ele olhou em volta, tentando entender onde estava. Cynric, o jovem que o tirara da fossa, e o velho druida cujo nome ainda não sabia estavam ao seu lado. Ele estava deitado em uma casa redonda, com alicerces de madeira, construída no antigo estilo celta, com toras de madeira lustrosas radiando desde o pico do teto até as paredes laterais. Não entrava em uma casa dessas desde que era uma criança pequena, quando a mãe o levava para visitar parentes.

O chão estava coberto de junco e a parede de varas de aveleira entrelaçadas estava rachada e rebocada com argila pintada de branco. As

separações entre as camas também eram de vime. Uma grande cortina de couro fechava a entrada, fazendo as vezes de porta. Deitar ali fizera com que ele se sentisse muito jovem, como se todos os anos de treino romano lhe tivessem sido retirados.

Seu olhar se moveu em torno da casa e de volta para a moça. Seu vestido era de linho vermelho-amarronzado e ela segurava uma bacia de cobre na mão. Era alta, porém mais jovem do que havia pensado, com o corpo ainda retilíneo como o de uma criança sob as dobras do vestido. A luz da lareira central atrás dela brilhava em seu cabelo claro.

A luz do fogo também lhe revelou o homem mais velho, o druida. Gaius mexeu um pouco a cabeça e observou-o sob os cílios. Os druidas eram homens sábios entre os bretões, mas a vida toda ouviu dizer que eram fanáticos. Estar na casa de um druida era como acordar em um covil de lobos, e Gaius não se importava em admitir que sentia medo.

Mas, pelo menos, quando ouviu o velho discorrer com calma sobre a circulação de seu sangue, algo que o médico grego de seu pai lhe dissera ser um ensinamento dos sacerdotes curandeiros do primeiro escalão, o jovem teve o bom senso de esconder sua identidade romana.

Não que fizessem segredo sobre quem eles eram. “Cavamos essa fossa para javalis, ursos e romanos”, dissera o jovem, um tanto casualmente. Isso já deveria ter sido suficiente para que ele soubesse que estava muito longe do pequeno círculo protegido da dominação romana. Entretanto, não estava mais longe do que um dia de cavalgada do posto da legião em Deva.

Mas, se estava nas mãos do inimigo, ao menos estava sendo bem tratado. As roupas que a moça usava eram de alta qualidade e a bacia de cobre que ela tinha na mão era lindamente trabalhada – sem dúvida viera de um dos mercados do sul.

Lamparinas de junco mergulhado em sebo queimavam em vasos pendurados na parede. O leito em que se deitava estava coberto de linho e o colchão de palha tinha o cheiro doce de ervas. Estava deliciosamente aquecido após o frio da fossa. Então, o velho que dirigira seu resgate veio até ele e sentou-se ao seu lado. Pela primeira vez Gaius pôde finalmente dar uma boa olhada em seu salvador.

Era um homem grande e vigoroso, com ombros capazes de derrubar um touro. O rosto era desenhado grosseiramente ao redor do crânio, como se esculpido sem cuidado na pedra, e os olhos eram cinza-claro e frios. O cabelo tinha muitas mechas acinzentadas, por isso Gaius imaginou que ele tivesse a mesma idade de seu pai, em torno dos cinquenta.

— Você realmente escapou por pouco, jovem — disse o druida.

Gaius teve a impressão de que ensinar era algo muito natural àquele homem.

— Da próxima vez, mantenha os olhos abertos. Vou dar uma olhada nesse ombro em um minuto. Eilan — disse ele, fazendo um gesto para a moça e dando a ela instruções em voz baixa.

Ela saiu e Gaius, então, perguntou:

— A quem devo minha vida, honorável?

Ele jamais havia pensado que um dia demonstraria respeito a um druida. Gaius, como todos os que conhecia, tinha sido criado com as histórias de horror do César sobre sacrifícios humanos, além de lendas sobre guerras que foram lutadas para refrear o culto druídico na Bretanha e na Gália. Os que existiam ainda hoje eram bem controlados por éditos romanos, mas podiam causar tantos problemas quanto os cristãos. A diferença era que, enquanto os cristãos disseminavam desavença nas cidades e se recusavam a adorar o imperador, os druidas podiam incitar até mesmo povos já conquistados a guerras sangrentas.

Ainda assim, havia algo naquele homem que despertava respeito.

— Meu nome é Bendeigid — disse o druida, mas ele não questionou Gaius, e o jovem romano se lembrou de ter ouvido a família da mãe dizer que, fora das terras romanas, entre os celtas, um hóspede ainda era considerado sagrado. O pior inimigo de um homem poderia pedir abrigo e comida e ir embora sem ser questionado, se assim escolhesse. Gaius respirou com mais liberdade com o indulto; aquele era um lugar onde seria mais seguro — e sábio — pedir hospitalidade como um convidado do que exercer os direitos do conquistador.

A moça Eilan entrou na alcova novamente, trazendo agora um pequeno baú de carvalho e ferro e um chifre de beber.

— Espero que este seja o certo.

O pai assentiu bruscamente, pegou o baú e fez um gesto para que desse o chifre a Gaius. Ele o pegou e ficou surpreso ao perceber que não tinha forças para fechar os dedos. — Beba isso — disse então o druida, com a maneira inconfundível de um homem acostumado a dar ordens e vê-las obedecidas. Depois de um minuto, ele completou: — Vai precisar disso quando acabarmos tudo.

Ele parecia uma pessoa agradável, mas Gaius estava começando a sentir medo.

Bendeigid fez um gesto para a moça, e ela voltou para o lado da cama de Gaius.

Ela sorriu, provou um pouco da bebida, num gesto tradicional de hospitalidade, e então colocou o chifre nos lábios dele. Gaius tentou se levantar um pouco, mas seus músculos não o obedeciam. Com um grito de compaixão, Eilan levantou levemente com o braço a cabeça do hóspede para que ele pudesse beber.

O jovem romano bebeu do copo; era hidromel forte, com a adição de alguma erva amarga, obviamente medicinal.

— Você quase foi para a Terra da Juventude, estranho, mas não vai morrer — ela murmurou. — Eu o vi em um sonho, mas estava mais velho e com um menininho a seu lado.

Ele olhou para ela, já deliciosamente entorpecido para achar aquilo perturbador. Por mais que ela fosse jovem, recostar-se em seu peito era como estar de volta aos braços de sua mãe. Agora, quando sentia dor, quase conseguia se lembrar dela, e seus olhos se enchiam de lágrimas. Estava vagamente consciente quando o velho druida cortou sua túnica e, junto com o jovem Cynric, lavou suas feridas com algo que queimava – mas nada pior do que a coisa que o velho Manlius tinha colocado em sua perna quando se machucou antes. Os dois lambuzaram sua perna com uma substância grudenta, que ardia, e então, a enfaixaram com força com tiras de linho. Eles, então, moveram o tornozelo inchado, e ele olhou sem muito interesse quando alguém disse:

— Nada de muito ruim aqui, não está nem quebrado.

Pouco depois, no entanto, ele pareceu recobrar um pouco da consciência quando Cynric disse:

— Prepare-se, jovem, a estaca estava imunda, mas acho que podemos salvar o braço, se o queimarmos.

— Eilan — o velho ordenou secamente —, saia daqui. Não há nada para uma menina ver.

— Eu o seguro, Eilan — disse Cynric. — Pode ir.

— Eu prefiro ficar, pai. Talvez possa ajudar. — As mãos dela se fecharam sobre as de Gaius, enquanto o velho rugiu:

— Faça como quiser, só não grite ou desmaie.

No minuto seguinte, Gaius sentiu mãos fortes – as de Cynric? – o segurarem com firmeza, imobilizando-o. As mãos de Eilan ainda estavam entrelaçadas nas suas, mas ele as sentiu estremecerem de leve. Virou a cabeça, fechando os olhos e apertando os dentes para não deixar nenhum grito vergonhoso escapar. Sentiu o cheiro do ferro em brasa se aproximando e uma agonia medonha se espalhou por todo o seu corpo.

Um grito contorceu seus lábios; ele o sentiu escapar como um grunhido engasgado. Logo depois, o toque grosseiro o libertou e ele passou a sentir apenas as mãos suaves da moça. Quando conseguiu abrir os olhos, viu o druida olhando-o de cima, com um sorriso sombrio repuxando a barba grisalha. Cynric, que o havia segurado, estava muito pálido. Gaius vira aquele olhar em jovens de seu próprio comando depois da primeira batalha.

— Bem, certamente você não é nenhum covarde, rapaz — disse o jovem, com uma voz engasgada.

— Obrigado — balbuciou Gaius, quase inconsciente, e então desmaiou.

2

Quando Gaius voltou a si, sentindo-se como se tivesse passado um longo período inconsciente, as lamparinas de junco já estavam apagadas. O ambiente era iluminado apenas por uma luz fraca que vinha das brasas da lareira, mas ele ainda podia distinguir a moça Eilan sentada ao seu lado, quase adormecida. Sentia-se cansado, seu braço latejava e tinha sede. Podia ouvir vozes femininas não muito longe dali. Seu ombro estava envolto em faixas grossas de linho e ele se sentia embrulhado feito um recém-nascido. O ombro ferido estava lambuzado com um unguento gorduroso, fazendo com que o linho exalasse um odor de gordura e bálsamo.

A moça estava sentada em silêncio a seu lado, em um banquinho de três pernas, pálida e esguia como uma jovem bétula, com o cabelo penteado para trás da testa, um pouco ondulado, pois tinha a textura muito fina para ficar perfeitamente liso. Ela usava uma corrente dourada em torno do pescoço com algum tipo de amuleto. As garotas bretãs amadureciam tarde, disso Gaius sabia. Ela, então, poderia ter uns quinze anos. Mal era uma mulher, mas certamente não uma criança.

Houve um barulho, como se alguém derrubasse um balde, e uma voz juvenil gritou:

— Então pode ir e ordenhá-las você mesmo, se quiser!

— E o que isso tem a ver com a mulher do curral? — uma voz feminina perguntou de modo grosseiro.

— Ah, está chorando e gritando porque os açougueiros romanos vieram e levaram o homem dela com os outros recrutados. Ela, então, ficou abandonada com três bebês — disse a primeira voz —, e agora meu Rhodri teve de ir atrás deles.

— A maldição de Tanarus sobre todos os romanos — começou uma voz que Gaius reconheceu como a de Cynric, mas a voz da mulher mais velha o interrompeu.

— Quietos! Mairi, coloque os pratos na mesa, não fique aí gritando com os meninos. Vou falar com a pobre mulher. Vou dizer a ela que

pode trazer os pequenos aqui para a casa. De todo modo, alguém precisa ordenhar as vacas esta noite, mesmo se os romanos levarem todos os homens da Bretanha.

— Você é boa, mãe adotiva — disse Cynric, e as vozes baixaram em um murmúrio novamente.

A moça olhou para Gaius e se levantou do banquinho.

— Ah, você está acordado — ela disse. — Está com fome?

— Poderia devorar um cavalo, a carruagem e perseguir o cocheiro até a metade do caminho para Venta — respondeu Gaius, com semblante sério, e ela olhou por um minuto antes de arregalar os olhos e rir.

— Vou ver se há um cavalo e uma carruagem na cozinha — ela disse, ainda rindo.

Depois disso, a luz atrás dela aumentou, e uma senhora apareceu na porta do quarto. Por um momento, ele ficou atordoado com a claridade, pois o ambiente foi tomado pela luz do sol.

— Ora, já é de manhã? — ele perguntou sem pensar, e a mulher riu, virou-se e puxou de novo a cortina de pele de cavalo, prendendo-a num gancho e extinguindo a luz com um movimento fácil.

— Eilan não deixou que o perturbássemos nem mesmo para comer — ela disse. — Ela insistiu que o descanso lhe faria mais bem que a comida, e imagino que estivesse certa. Mas agora deve estar faminto. Sinto muito por não tê-lo recebido em nossa casa. Eu estava fora cuidando de uma mulher doente de nosso clã. Espero que Eilan tenha tratado bem de você.

— Ah, muito bem — disse Gaius.

Ele piscou, pois algo nas maneiras dela traziam dolorosas lembranças de sua mãe.

A senhora olhou para ele. Era uma bela mulher bretã, e tão parecida com a moça que a relação de parentesco entre elas era óbvia, e o rapaz romano a notou mesmo antes de Eilan dizer “mãe” e depois se conter, tímida demais para continuar.

A mulher, assim como a moça, tinha cabelos loiros e olhos escuros, castanho-acinzentados. Aparentava estar vindo de algum trabalho junto das criadas, pois havia vestígios de farinha em sua bela túnica de lã, mas a camisa por baixo dela era do linho mais branco e claro que já vira na Bretanha, com a bainha toda bordada. Os sapatos eram de um bom couro tingido, e uma bela fíbula de ouro espiralado fechava o vestido.

— Espero que esteja se sentindo melhor — disse ela, graciosamente. Gaius se levantou em seu braço bom.

— Muito melhor, senhora — disse ele. — E eternamente grato à senhora e aos seus.

Ela fez um pequeno gesto de dispensa.